

VILÉM FLUSSER Gênese e estrutura.

Este Suplemento funciona como palco do drama de idéias, e transforma em diálogo contribuições concebidas monologicamente pelos seus autores. O número do dia 14 de dezembro é disto exemplo. Contêm ele dois artigos certamente independentes um do outro, se vistos genéticamente, mas que passam a dialogar entre si dentro da estrutura do Suplemento. Refiro-me ao artigo do sr. Otto Maria Carpeaux sob título "A integração e a inteligência", e ao artigo do sr. Haroldo de Campos "Serafim: um grande não livro". Os temas dos dois artigos não têm quase interrelação, já que um trata da literatura hispano-americana, e o outro de Oswald de Andrade. O diálogo se dá, creio, no seguinte nível: O sr. Otto Maria Carpeaux opõe-se ao anti-historicismo, (que é um dos elementos do pensamento atual), porque, a seu vêr, omite deliberadamente certos elementos de informação sobre a obra de arte, e porque considera a obra de arte como algo misteriosamente caído do céu, produto de uma partenogênese. O sr. Haroldo de Campos descreve, ao tratar do livro "Serafim Ponte Grande", como o processo diacrónico, isto é: a "história", pode ser decomposto e recomposto em estrutura sincrónica que se estabelece em metalíngua da história, portanto em crítica da história e em anti-historicismo neste sentido. É como se o sr. Haroldo de Campos tivesse respondido ao sr. Otto Maria Carpeaux, embora, naturalmente, sem ter eliminado as graves preocupações que este último nutre. Dado o alto nível intelectual das duas contribuições, o problema é-nos lançado em toda a sua gravidade. O propósito deste artigo é elaborá-lo um pouco.

O problema foi longamente discutido no Centro Cultural Internacional em em Cerisy-La-Salle em 1959 por representantes de várias disciplinas científicas e filosóficas, e o resultado foi publicado sob o título "Genèse et Structure" por Mouton & Co. em 1965. Trata-se, no fundo, do seguinte: Os fenômenos que me cercam, e que constituem a minha circunstância, podem ser explicados e compreendidos de várias formas. (Sejam eles fenômenos naturais ou obras de arte). Uma dessas formas é tentar ordená-los dentro de uma configuração espacial segundo suas semelhanças e dissemelhanças. É a forma em vigor nos séculos 17 e 18. Uma outra forma é tentar ordená-los pela sua origem, dinamicamente e cronologicamente. Esta tentativa vigorava no século 19. A desvantagem da primeira forma é que suas explicações desprezarão o aspecto temporal da minha circunstância, e terão um caráter estático e mecanicista. A desvantagem da segunda forma é que suas explicações desprezarão o fato de ser minha circunstância minha, (isto é: presente), e que toda extrapolação para o passado e o futuro é apenas exercício da mente explicadora. Não seria possível sintetizar as duas formas de explicação e superar assim as suas desvantagens?

Colocado assim, o problema é antiquíssimo e trata do paradoxo "espaço-tempo" dos pré-socráticos e dos sofistas. Porque acontece sempre o mesmo, hoje e

VILÉM FLUSSER

antigamente: tóda tentativa de sintetizar tempo e espaço resulta na espacialização do tempo, mas não na temporalização do espaço. O tempo se transforma em dimensão do espaço, mas dizer que o espaço se transforma em dimensão do tempo seria mera ginástica do intelecto. Tóda tentativa de superar explicações historicistas é uma tentativa espacial, (no sentido de tentativa de construir meta-níveis), e creio que o sr. Carpeaux tem tóda razão neste ponto. Darei um exemplo:

Suponhamos que o fenómeno a ser explicado seja esta minha escrivaninha. A forma espacial da explicação decomporá o fenómeno em moléculas, átomos, partículas, e suas relações espaciais que fazem com que a escrivaninha seja ela mesma. A forma temporal da explicação decomporá o fenómeno na direção do passado em madeira, árvore, semente, origem da vida; e na direção do futuro em lenha, fogueira, dióxido de carbono, entropia do cosmos. O primeiro tipo de explicação será estrutural e responderá à pergunta: "como é esta escrivaninha". O segundo tipo será genético, e responderá à pergunta: "por quê e para quê é esta escrivaninha". Notem que ambas formas de explicação fazem com que a escrivaninha se evapore em sua concreticidade e se perca nos abismos do espaço e do tempo. Ao arrancarem a escrivaninha do seu contexto, que é minha circunstância, ao transformarem ela em objeto, não para mim, mas em si, aniquilaram as explicações o fenómeno a ser explicado. Porque a minha escrivaninha é escrivaninha, por ser minha, e se não fôr minha, não será ela mesma. (Como tão pouco eu serei eu, se não tiver minha escrivaninha).

Pois se procurarmos sintetizar as duas formas de explicação, afim de salvar a concreticidade da minha escrivaninha, acontecerá o seguinte: madeira, árvore e semente, lenha, fogueira e dióxido de carbono passarão a formar vários níveis de estruturas, ligados entre si geneticamente, mas essas ligações serão espaciais, formando uma super-estrutura. Terei uma escrivaninha espacial, composta de vários andares, e dizer que o elevador que une os andares é o tempo, é dizer apenas que espacializei o tempo. Porque o que aconteceu foi o seguinte: a explicação agora oferecida da escrivaninha sincronizou a sua história, tornou os seus estágios co-presentes. E falhou na tentativa de concretizar a escrivaninha.

Hegel, Marx e Freud, [cada qual à sua maneira], sentem esta dificuldade e procuram, (cada qual à sua maneira), obviá-la. Simplificando bárbaramente, pode ser dito que Hegel e Marx concebem a escrivaninha como o andar superior de uma super-estrutura, no qual os andares inferiores estão co-presentes de forma superada, isto é guardada, aniquilada e elevada pelo último nível. E quanto à Freud, pode ser dito que a escrivaninha é um fenómeno superficial das suas estruturas fundantes, (transpondo para a física a psicologia freudiana). Os três são portanto, neste sentido, os grandes precursores da tentativa atual de sintetizar as explicações do passado. Mas a dificuldade persiste. Ao historicizarem o fenómeno, espacializam o tempo, no sentido de des-existencializá-lo. A dialéctica é uma meta-lingua da história, supera a

VILÉM FLUSSER

história espacialmente, [no sentido de não ser, ela própria, histórica), e é, no mesmo sentido, anti-historicista. O mesmo pode ser dito quanto à psicologia freudiana. O século passado não se dava conta disto. O estruturalismo atual revela este fato.

Tem pois razão o sr. Carpeaux ao dizer ~~que~~^{que} uma das tendências atuais é o anti-historicismo. Mas não creio que todo anti-historicismo elimina necessariamente certos elementos de informação sobre o fenômeno a ser explicado, (por exemplo uma obra de arte). Coloca apenas as informações históricas em nova perspectiva. Também necessariamente considera todo fenômeno como caído do céu, produto de uma partenogênese, mas pode considerá-lo como produto de uma gênese a partir de outra estrutura. Aliás permite mostrar que efetivamente existem elementos virgens, (em certo sentido), em todo fenômeno, (e mais especialmente nas obras de arte), que o tornam supra-histórico, (a saber: original), e neste sentido efetivamente caíram "do céu". Com efeito, uma das vantagens desse novo anti-historicismo é justamente a de chamar novamente a atenção para o caráter suprahistórico da obra de arte, caráter este que o historicismo obscurece. Embora possa ser explicada uma catedral gótica historicamente, e embora essa explicação seja indispensável para a compreensão do fenômeno, não o esgota. Há algo na catedral que nos toca por cima do fluxo do tempo, e este algo é exatamente aquilo que importa: o aspecto estático da obra.

Não obstante, as preocupações do sr. Carpeaux me parecem justas, na medida na qual todo anti-historicismo é necessariamente um obscurecer da dinâmica que pervade tudo. Talvez urja reformularmos radicalmente o conceito do tempo. Talvez é preciso libertá-lo do seu contexto espacial, como se ele fosse uma régua ordenadora, e concebê-lo mais como intencionalidade da existência sobre a situação na qual se encontra. Mas como reformulá-lo, já que o nosso pensamento é discursivo, isto é inserido na régua? Sem dúvida, o único recurso é reformular o discurso. Rompê-lo e dar-lhe nova estrutura. E neste ponto creio que o sr. Haroldo de Campos está com toda a razão, não apenas no seu artigo, no qual dá Oswald de Andrade como exemplo, mas também por seu trabalho enquanto poeta. Concretizando o tempo enquanto tempo, libertando-o da sua linearidade, captando o seu caráter intencional e instantâneo, não está ele praticando, creio, um anti-historicismo, mas um supra-historicismo. Em outras palavras: o tempo histórico passa a ser concebido como uma das espécies do gênero "tempo". Possivelmente o sr. Haroldo de Campos não estará de acordo, discursivamente, ^{com esta} ~~esta~~ minha análise do seu trabalho. Não importa. O que importa é a reformulação do discurso que ele alcança.

O problema lançado pelos srs. Carpeaux e Haroldo de Campos está longe de ter sido solucionado. É um dos grandes problemas da atualidade. Porque ao pôr em questão a forma das explicações, põe em questão não apenas o método científico e crítico atual, mas também a aplicação das explicações, isto é: a ação humana manipuladora e modificadora da circunstância na qual estamos.